

A melhor educação do mundo

Júlio Lopes

A matéria foi publicada na revista *Newsweek* de dezembro passado e intitulou-se "As melhores escolas do mundo". Com exceção do excelente artigo do nosso ministro da Educação, não soube de nenhuma repercussão em nossos meios educacionais, naturalmente a braços com tarefas urgentes de provas de fim de ano e matrículas. Pessoalmente, li e reli com prazer a reportagem, verdadeira antítese da realidade mostrada pela *Veja* em matéria sobre o quadro educacional brasileiro. Não quero fazer comparações odiosas nem abismar-me em contemplações de colonizado sobre as delícias do Primeiro Mundo. Mas é impossível não morrer de inveja, já não digo das excelências de um processo educacional sério e competente; mas da naturalidade com que Itália, França, Japão, Estados Unidos e também Coréia do Sul, Nova Zelândia e Hong Kong encaram o problema educacional como prioridade nacional, enquanto ficamos nós aqui a despejar somas preciosas de recursos em miragens.

Se na Coréia a educação "é a coisa mais importante do mundo", no dizer de um especialista do Instituto Coreano de Desenvolvimento Educacional, na Nova Zelândia a ênfase é dada à leitura, como base do aprendizado, levando as crianças a refletir sobre a formação das palavras e de seu significado. Na Itália, a educação pré-escolar parte do elementar princípio de que as crianças são diferentes, e portanto devem ser tratadas segundo suas características pessoais. Um aparente truismo que ganha força revolucionária quando aplicado à identificação e reforço das qualidades específicas de cada criança. Um gravador registra discretamente "a aula", para posterior análise da fita por um grupo de professores, que assim podem compreender melhor como cada criança raciocina e se expressa, e ter

uma idéia mais clara de sua diversidade.

Na Holanda, uma corrente didática denominada "matemática realista" parte da natural facilidade que têm as crianças de resolver questões aritméticas, para levá-las a raciocinar sobre problemas complexos e conceitos fundamentais da Matemática. Um exemplo interessante da aplicação desse princípio é o problema dado em aula sobre a notícia, veiculada por jornais locais, de que um artista britânico semeava 250 mil sementes de trigo para formar uma plantação que reproduzisse ao natural a imagem de uma tela de Van Gogh. Como os jornais davam medidas diferentes da área plantada, o exercício consistiu em saber qual a medida correta. Um problema intrigante, tirado da realidade cotidiana e efetivado por relacionar-se com a maior glória holandesa na pintura.

Poderia continuar resumindo as experiências relatadas pela reportagem da *Newsweek*, mas não é minha intenção encher a boca do leitor de água, nem me parece que ganhemos nada com a admiração deslumbrada e passiva pelo sucesso dos outros. Prefiro chamar a atenção para certas observações suscitadas pela matéria. Em primeiro lugar, o fato de todos os países civilizados e todos os países em vias de atingir o Primeiro Mundo encararem a educação como questão de sobrevivência nacional. Se num país a preocupação maior recai sobre o professor, alvo de programas permanentes de reciclagem e detentor de salários condignos, noutro enfatizam-se métodos experimentais de ensino e aprendizagem, e ainda noutro buscam-se compreender com exatidão o perfil do alunado e as necessidades educacionais da comunidade a que se destina a educação.

Em segundo lugar, a decisão, também unânime, de que não é o acúmulo de recursos financeiros que constitui a resposta correta ao problema,

mas a forma como esses recursos são utilizados. Essa observação trazida ao ambiente brasileiro provoca nas pessoas conscientes um misto de revolta e desânimo, por contradições que possam ser essas reações. Nada mais revoltante do que verificar o quanto está sendo investido em elefantes brancos, dispendiosos, ineficientes e de administração difícil. Mas nada também desanima mais do que pensar que depois da mania de construir estádios, vigentes no auge da ditadura ufanista e futebolística, depois da febre de construir "centros culturais" em cidades que não contam sequer com um grupo escolar decente, estamos agora com a síndrome ciepista ou ciaquista, com a diferença de que já não existem as condições econômicas favoráveis de antes.

Há ainda outro ponto que eu gosta de ressaltar: o da mentalidade da educação permanente, em que se destaca a Suécia. "Na Suécia", diz um porta-voz do Ministério da Educação, "estuda-se a vida inteira". E não apenas uma educação-passatempo para a terceira idade, mas uma educação profissionalizante, visando ao mercado de trabalho, pois os civilizados escandinavos não se dão ao luxo, como nós, de descartar seus trabalhadores aos 50 anos, como se fossem sucatas. Além disso, em todos esses países há uma preocupação dupla na educação: formar profissionais com atribuições específicas para as necessidades sociais; e respeitar as características pessoais e desejos de cada um. Não pode haver lugar para esse pernóstico bacharelismo verde-amarelo onde a educação está intrinsecamente ligada à vida da sociedade, e não busca ser apenas um ornamento para deleite das famílias, ou um equívoco desonesto e neurotizante para o trabalhador sem emprego.

■ Júlio Lopes é professor da Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro)